

Um olhar sobre a tela intitulada “Camille Monet et l’enfant dans le jardin,” de Claude Monet

Edimar Pessôa*
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo:

Este artigo estabelece algumas relações entre a imagem da mulher e a sociedade da época: a mulher tutelada pelo homem. Na tela de Claude Monet, intitulada “*Camille Monet et l’enfant dans le jardin*”, o olhar masculino coloca a mulher num cenário idílico, mas sob controle: o jardim. A imagem da mulher lida e vista por múltiplos olhares no modelo patriarcal em contraponto com as práticas de leituras realizadas por mulheres hoje.

UMA TELA E MÚLTIPLOS OLHARES: A MULHER NO JARDIM

Um olhar? Não seriam múltiplos olhares sobre o universo em que a mulher estava envolvida e encerrada na sociedade patriarcal? Como era o olhar sobre o universo feminino? Qual a condição em que a mulher vivia nesse círculo tão restrito, presa ao lar com seus conflitos internos, cada vez mais calada num silêncio aflito? O único espaço fora de casa em que a mulher se concentrava era o jardim. Casa e jardim: a mulher encerrada no universo familiar. E neste universo, isolada do espaço social, essa mulher olha somente para dentro de si como se fosse um mundo estranho, no qual nem ela mesmo se reconhecesse. A tela intitulada “*Camille Monet et l’enfant dans le jardin*”, de 1875, de Claude Monet, apresenta a graciosidade de uma mulher sentada num banco, em um lindo jardim, entretida num trabalho manual, atividade comum às mulheres no século XIX. Aos seus pés, uma criança, o próprio filho da mulher retratada, Camille, e do pintor, Claude Monet, lê e brinca.

Monet foi o maior expoente do impressionismo, pesquisador de luz e de seus efeitos, interpretou o mundo através das cores, buscou a verdadeira realidade por trás das aparências, procurando na própria natureza a realidade do mundo. O artista conseguiu capturar a beleza do ambiente de forma singular, valendo-se de sua técnica e sensibilidade, com a ousadia de suas cores e pinceladas curtas. Assim como os demais pintores que faziam parte da corrente artística, o Impressionismo, que surgiu na França no século XIX, por volta de 1870, Monet abandonou as formas e temas tradicionais para resgatar ao ar livre a natureza, tal como ela se mostrava ao seu olhar durante as variações da luz do dia. A pintura passaria a registrar a tonalidade que os objetos teriam num determinado momento, iluminados pela luz do sol. Os impressionistas escolheram a pintura ao ar livre e temas da vida cotidiana, com o

* Aluna do Curso de Letras - Português-Literaturas -, bolsista do Projeto de Extensão: Literatura e Outras Linguagens, coordenado pela professora Iza Quelhas, durante o ano letivo de 2001, na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

objetivo de conseguir uma representação espontânea e direta do mundo. A poucos centímetros da tela, um quadro impressionista é visto como um amontoado de manchas de tintas, ao passo que, à distância, as cores se organizam opticamente, criando formas e efeitos luminosos.

Na tela citada de Monet, encontramos uma cena do cotidiano: cena doméstica a qual as mulheres estavam submetidas, pois eram educadas para esse espaço doméstico e privado. Cabia à “rainha do lar” ser prendada, envolver-se com atividades manuais e artesanais, desde que ficasse em casa cuidando de seus filhos, administrando perfeitamente o lar. A tela, para ser lida como um texto, exige, portanto, do espectador um olhar crítico sobre essa cena idílica que, num primeiro momento, parece-nos apenas harmoniosa e tranqüila.

A cena é tão singular que pode ser considerada insignificante, mas sugere o perfil de uma sociedade marcada pela estrutura patriarcal, que controlava e reprimia a participação da mulher nos destinos da sociedade, a cada dia impedindo, com o olhar da indiferença e imposição, os sonhos, desejos e realizações dessa mulher.

A mulher, desde a antigüidade, foi considerada um ser inferior, condenação que ainda se mantém em determinadas culturas. Essa tradição de um passado medíocre oferecido às mulheres, esse preconceito, se traduzia pelas únicas profissões que lhes eram permitidas: bordadeira, rendeira, costureira, doméstica. Esta última resume a ocupação a que elas se limitam; um espaço confinado e um elenco de atividades previsíveis e controladas pelo olhar do homem e da família.

Ainda, com a tela de Monet, o ambiente doméstico intensifica a relação mãe e filho no jardim, projeta uma satisfação idealizada no rosto da mulher que, apesar de mostrar serenidade, também transmite uma solidão que contagia o ambiente ao redor. Rosto sereno, porém, sem expectativas, como se já soubesse que tudo acontecerá como sempre foi. A luminosidade das cores primárias, vermelho-carmim, amarelo e o verde com complemento, flui do centro e irradia todo o jardim ao redor da personagem que está a costurar com elegância. Mas se o espectador olhar fixamente para a tela pintada por Monet (e olhar uma pintura é como fazer uma viagem), poderá vislumbrar o confronto entre a luz e as sombras. Atrás da mulher, luz e vida; no entanto, em seu rosto, predomina aquela serenidade obscura. Na época, as atitudes dos homens eram sempre definidas e inquestionáveis: chefe de família. Por parte da mulher, tudo a direcionavam para o cultivo da domesticidade e dos deveres de esposa. A mulher deveria ser orientada apenas para a formação necessária à educação dos filhos; seu papel de guardiã do lar e da família deveria ocupar-se ao máximo de afazeres domésticos.

Na tela, postura, expressão corporal, deixam evidente a condição de um ser calado, dócil, submissão. Submissão refletida na pequena criança, que o acompanha tanto na veste quanto na postura, e assim prossegue a vida, dando continuidade às sombras do universo feminino.

A MULHER E A LEITURA DE TEXTOS LITERÁRIOS

Se a leitura de uma tela produzida no século XIX nos sugere tantos conflitos interiores e exteriores, o que acontece na problemática do gênero em nossos dias?

Vamos responder focalizando o que lêem as mulheres, isto é, como se alimentam da palavra do outro, das palavras do mundo, como se informam, como se formam culturalmente.

Na leitura dos resultados parciais de trabalhos coletivos das pesquisas vinculadas a um outro projeto “*Memórias textuais: idosos e práticas de leitura no município de São Gonçalo*”, no Rio de Janeiro¹, pode-se constatar o estado de leitura em que as mulheres vivem até meados do século XX. Proibidas de fazer suas leituras, tendo assim que depender dos pais e do chefe da casa, o provedor do lar, que discernia e julgava os livros adequados para as filhas e esposas. As mulheres ocupavam-se apenas de trabalhos, nem sempre leves, no espaço doméstico da própria casa. Percebe-se, então, que a presença masculina nas decisões das mulheres era forte e não invadia apenas o espaço, mas ameaçava o mundo interno do prazer e emoções, impedindo-as de romper horizontes. Hoje, principalmente sabemos que fazer uma leitura é partir para uma viagem sem fronteiras, com várias possibilidades e entusiasmos, em contraste com o fato de que as mulheres eram educadas para ser dependentes dos homens, pais e maridos, não lhes sendo permitido autonomia para procurar o prazer.

Na leitura das mulheres entrevistadas nos asilos localizados no município de São Gonçalo, do Rio de Janeiro, verificou-se a preferência pelos livros religiosos e jornais. Esta ocorrência deve-se ao fato de manter-se a submissão da mulher perante a igreja e a necessidade de manter-se minimamente informada. Assim como os homens, as mulheres preferem, hoje, a leitura do factual, a imprensa diária principalmente, e não o ficcional. Os autores citados pelas mulheres como autores importantes para a sua história de leitura foram: José de Alencar e Castro Alves. Muitas mulheres não conseguiram se lembrar de nomes de outros/as autores/as, mas algumas delas lembraram-se dos romances de M. Delly, romances que nenhuma “moça de família poderia deixar de ler”, como afirmou uma das entrevistadas. Constata-se a influência do cânone escolar na hora da citação de nomes de autores. Os nomes dos escritores que ficaram gravados na memória das entrevistadas foram os mais freqüentes durante o período escolar, presentes na maioria dos livros didáticos das escolas em todo o país.

As entrevistas das mulheres, no que se refere às relações entre a leitura e a vida, destacaram as seguintes informações: a maioria declarou não lembrar de algum livro significativo para a sua formação; uma entrevistada, por exemplo, citou o livro *E o vento levou*; outra, citou nomes de autores que marcaram sua formação, também José de Alencar e Castro Alves, mas não lembrou-se de títulos; algumas idosas mencionaram livros religiosos, sem citar nomes. Uma pequena parte das entrevistadas declarou ser a leitura valorizada no meio social ou familiar durante sua formação; uma outra parte mencionou o fato de a leitura não ser valorizada devido a falta de instrução dos pais. Uma entrevistada mencionou que, mesmo os pais sendo analfabetos, valorizavam a leitura. A maioria das idosas declarou que lê por prazer. Assim como os

¹ O Projeto “*Memórias textuais*” está vinculado ao Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, desde setembro de 2000, em que atuei de nov/2000 a junho/2001 como bolsista voluntária.

homens na instituição, a mulheres declararam preferir um ambiente tranquilo para efetuar sua leitura. O lazer das mulheres fez referências a idas à igreja ou visitas a parentes, assistir a TV ou apenas ficarem quietas no quarto; algumas mencionaram que têm como lazer a prática da leitura. No que se refere a guardar os livros, uma parte das mulheres os guarda na própria instituição, algumas deixam os livros guardados com familiares. Entre os locais utilizados para a guarda de livro estão a estante, o armário ou “caixinhas” improvisadas utilizadas para esse fim, o que demonstra a precariedade das práticas de leitura num ambiente que deveria ser o mais próximo possível de um lar.

Um dado marcante nas entrevistas das mulheres é o lazer ligado a uma atividade doméstica. Durante a pesquisa de campo muitas mulheres alegaram cuidar da casa ou do local onde vivem como uma forma de lazer, ou seja, limpar o quarto ou cuidar da própria roupa é mais gratificante do que ler um livro, o que é compreensível, caso conheçamos suas histórias de vida. Uma idosa declarou que lava sua roupa mesmo estando limpa. Uma outra declarou que tem como lazer balançar numa cadeira, sem pensar em nada.

Reprimidas, conformadas com situações que faziam parte do cotidiano do círculo em que estava situadas, mas ao mesmo tempo com suas existências estagnadas por inúmeras barreiras, com mãos atadas e olhos vendados, podem admirar o mundo que as cercavam somente pela vitrine da vida. Não diferente do mundo de seus antepassados, as mulheres entrevistadas, hoje, em pleno início do século XXI, traziam no olhar o sonho frustrado, na voz uma musicalidade dolorida, revelando tantas margens na trajetória da vida.

CONCLUSÃO

Estamos no início de um novo século e conscientes ou não, nos surpreendemos pensativas, absortas na continuidade destas diferenças de valores, refletindo assim, a situação a qual as mulheres estavam submetidas. O tema do gênero lido por múltiplos olhares nos mostra, também, os múltiplos caminhos que estão abertos em direção à mulher do século XXI. Enquanto as marcas da trajetória que elas vieram percorrendo estão entre um fato e outro acesos ainda na sociedade, a esperança do acesso a tudo o que lhes era negado está cada vez mais se ampliando, ao romper as barreiras das desigualdades.

A história da mulher evidencia o quanto o modelo patriarcal, numa sociedade colonizada, antagoniza as diferenças, tornando-as inconciliáveis. Os dilemas da mulher, hoje, na vida adulta, e, mais tarde, idosa, revelem percursos, lutas, muitas vezes silenciosas: a imagem da mulher no jardim é apenas um ponto para a nossa reflexão, não é o único. No universo da arte, o fato de a maioria dos modelos pertencer ao sexo feminino, e a maioria dos artistas do sexo masculino sugere, um pouco, da construção dos gêneros nas sociedades ocidentais. A construção do feminino e do masculino, na sociedade, compreende-se, hoje, que passa por escolhas não determinadas apenas pelo biológico e anatômico.

Hoje, a pesquisa sobre leituras realizadas por mulheres remete à imagem idealizada, mas não cabe numa tela ou num quadro. A desidealização do mundo da

mulher corresponde a sua inserção no mundo do trabalho assalariado, no direito ao voto e ao direito de ir e vir. Tais conquistas foram arduamente concretizadas, e, atualmente homens e mulheres deparam-se com outros problemas, em outros contextos. Continuar a luta passa também pelo estudo das imagens e da pesquisa sobre a prática de leitura, o que permite a construção de um saber a partir do simbólico e das práticas sociais. As imagens falam e os livros conversam com nossas reflexões. Basta olhar e aprender a ver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARTIER, Roger (Org.) (1996) *et al. Práticas da leitura*. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo, Estação Liberdade.
- CUNHA, Maria Teresa Santos (1999). *Armadilhas da sedução - os romances de M. Dely*. Belo Horizonte, Autêntica.
- LEITÃO, Eliane Vasconcellos.(1988) *A mulher na língua do povo*. Belo Horizonte, Itatiaia Limitada.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (1994) *Pesquisa Social*. Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes.
- PAIVA, Aparecida.(1997) *A Voz do veto: a censura católica à leitura de romances*. Belo Horizonte, Autêntica.
- STRICKLAND, Carol; BOSWELL, John (1999). *Arte comentada - da pré-história ao pós-moderno*. Trad. Angela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro, Ediouro.
- XAVIER, Elódia (1998). *Declínio do Patriarcado: a família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro, Record, Rosa dos Tempos

ANEXO 1



Ao pé da letra,